

## Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)


 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento

### Marçal de Menezes Paredes

Doutor em História pela Universidade de Coimbra.  
Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista Produtividade em Pesquisa - PQ (chamada CNPq N°4/2021).  
Porto Alegre, RS – BRASIL  
lattes.cnpq.br/3045569204606196  
marcal.paredes@pucrs.br

 [orcid.org/0000-0002-9692-5037](https://orcid.org/0000-0002-9692-5037)

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180314352022e0108>

Para citar este artigo:

PAREDES, Marçal de Menezes. Para Além da Lusofonia: o Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 14, n. 35, e0108, jan./abr. 2022.

Recebido: 21/11/2021

Aprovado: 14/03/2022

Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)  
*Marçal de Menezes Paredes*

## Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)

### Resumo

A campanha anticolonial contra a presença portuguesa na África mobilizou o cenário internacional em diversos âmbitos. Para além do direto envolvimento dos movimentos de libertação com as superpotências da Guerra Fria (seja na diplomacia, seja no suporte militar), a opinião pública internacional manteve-se atenta aos acontecimentos ocorridos em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau entre 1961 e 1975. Particularmente nos países ocidentais, o contexto dos movimentos de contracultura num amplo espectro das esquerdas chamou atenção para uma tomada de consciência global sobre a relação perniciosa entre o racismo, o colonialismo e o capitalismo. Esses eixos críticos se articulam na criação de diversos comitês políticos em apoio à luta pela liberdade de angolanos, moçambicanos e guineenses. Este vínculo vai além das fronteiras lusófonas, manifestando um agenciamento político transnacional de elevada significância. A fundação do *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC), em 1972, enquadra-se nesse cenário geral. Este artigo apresenta a história desta organização canadense engajada na luta contra o colonialismo português. Dá realce à trajetória de um de seus principais fundadores, às peculiaridades do contexto canadense na época e analisa suas ações, seu significado político interno (Canadá) e externo (Angola e Moçambique), bem como os resultados conseguidos até 1975. Depois da independência das ex-colônias portuguesas na África, a organização amplia seus objetivos e troca de nomenclatura, expandindo ainda mais seu alcance.

**Palavras-chave:** Anticolonialismo; História Transnacional; Relações África e Canadá.

## Beyond Lusophony: Canada's Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies (TCLPAC) and the Anticolonial Struggle in Angola and Mozambique (1972-1975)

### Abstract

The anti-colonial campaign against the Portuguese presence in Africa mobilized the international scene in different ways. In addition to the direct involvement of the liberation movements with the Cold War superpowers (whether in diplomacy or military support), the international public opinion remained attentive to the events in Angola, Mozambique, and Guinea-Bissau between 1961 and 1975. Moreover, particularly in Western countries, counterculture movements in broad-left wing tendency drew attention to a global awareness of the destructive relationship between racism, colonialism, and capitalism. These critical axes are articulated in creating several political committees supporting the struggle for freedom of Angolans, Mozambicans, and Guineans. This link goes beyond Portuguese-speaking borders, manifesting a highly significant transnational political agency. The foundation of the Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies (TCLPAC), in 1972, fits into this general scenario. This article presents the history of this Canadian organization engaged in the struggle against Portuguese colonialism. It highlights the trajectory of one of its prominent founding members, and the peculiarities of the Canadian context at the time. It analyzes their actions, their internal (Canada) and external (Angola and Mozambique) political significance, and some results achieved until 1975. After the independence of the former Portuguese colonies in Africa, the organization expanded its objectives and changed its nomenclature – expanding even more their actions.

**Keywords:** Anticolonialism; Transnational History; Africa-Canada relationship.

## Introdução

A luta pela independência nacional acontecida nas ex-colônias portuguesas da África se desenvolveu em diversos âmbitos. Para além da estratégia de guerrilha adotada em Angola em 1961, na Guiné-Bissau em 1963 e em Moçambique em 1964, os movimentos anticoloniais desenvolveram um constante trabalho político em escala global. Essa dimensão de articulação transnacional moveu-se num contexto que manifesta um significativo protagonismo dos países do chamado Terceiro Mundo performando um contexto de Guerra Fria nada estático nem tampouco simplesmente bipolar (WESTAD, 2007). Através dos chamados “hubs de descolonização” localizados em Dar es Salaam (na Tanzânia), Cairo (no Egito), ou Argel (na Argélia), para citar apenas alguns, os movimentos que lutavam pelo fim do colonialismo português em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau ganharam uma rede transnacional de articulação política de grande relevo (BURTON, 2019). Essa dimensão global, através mesmo destes “hubs”, propiciava um agenciamento intelectual, militar e diplomático que ia além do contato do Bloco Afro-Asiático (ALMADA SANTOS, 2017) e transcende também o cenário do Movimento dos Não-Alinhados (PRASHAD, 2007).

Esta dimensão globalizada de influências faz parte mesmo da própria história dos movimentos de libertação nacional. Os exemplos são fartos. Em Angola, a própria história do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) remete à sua relação com a Casa dos Estudantes do Império, sediada em Lisboa e que promoveu intensa e transversal comunicação entre jovens estudantes oriundos das colônias portuguesas, propiciando contato com o Partido Comunista Português (e com a URSS) e estabelecendo relações com as ideias pan-africanistas e os desafios vivenciados pelos estudantes africanos em Paris e Londres. Ainda em Angola, a Frente Nacional de Libertação de Angola, além dos vínculos familiares de Holden Roberto com o Congo/Zaire, destaca-se a relação com líderes da Tanzânia aos Estados Unidos da América (EUA) (N’GANGA, 2008). Por sua vez, Jonas Savimbi, fundador da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), apresenta uma trajetória que articula a importância com missionários congregacionalistas que o vinculam do Planalto Central de Angola à

Suiça, passando por Lisboa (PÉCLARD, 2016). Em Moçambique cumpre lembrar a importância de Eduardo e Janet Mondlane não apenas na liderança dos primeiros anos da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), mas também na articulação com movimentos e organizações nos EUA, na Escandinávia e na própria Organização das Nações Unidas (ONU). Todos estes espaços – que são tensionados internamente – propiciaram amplos canais de comunicação internacional que tiveram um papel importantíssimo na legitimação internacional da luta contra o racismo e a opressão colonial. Como aponta Eric Burton (2019), a publicidade internacional foi um elemento crucial para a libertação da África Austral.

A existência desta efetiva *networking* globalizada apresentou dinâmicas que transcenderam a lusofonia e que acabaram por alcançar cenários que podem ser, à partida, surpreendentes. Refira-se, por exemplo, ao caso dos países da Escandinávia, da Austrália e também do Canadá (SELLSTRÖM, 2002; ANGLIN, SHAW & WIDSRAND, 1978), chamando atenção para a necessária diferenciação do papel destes Estados e dos movimentos de contracultura organizados em suas sociedades civis. Dito de outra forma, se por um lado, o âmbito da política estatal deve ser percebido no cenário de um “Middle Power Internationalism” (BLACK, 1991), por outro devem ser perspectivados diversos movimentos de Organizações não Governamentais (ONGs) em escopo transnacional que tiveram um papel significativo na mobilização do agenciamento político transnacional através da conexão de suas campanhas internas à cena internacional de luta pelo fim do colonialismo português na África.

A história do *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) enquadra-se neste escopo transnacional e articula aspectos do chamado Global 1970's (HELLEMA, 2019) ao contexto particular da sociedade e do ativismo político canadense. Inicialmente organizado como TCLPAC, o comité mudou de nome em 1976 depois das independências das ex-colônias portuguesas na África (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe). Contudo, o contexto de guerras civis (em Angola e Moçambique) e da pressão internacional no contexto da Guerra Fria, bem como a luta anti-apartheid, fizeram o grupo ampliar o escopo de ação, assumindo a partir de então

Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)  
*Marçal de Menezes Paredes*

o nome de *Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa* (TCLSAC), como ficou, aliás, conhecido.

O TCLSAC congregou políticos, intelectuais, líderes religiosos e organizou diversas ações de apoio à luta de libertação da África. Suas ações manifestam uma amplitude notável, partindo de edição de publicações, manifestos e prospectos, organização de eventos, cine-debates e passeatas, chegando à recepção e acolhimento de líderes políticos e artistas oriundos dos movimentos de libertados. Merece destaque a compra e o envio de materiais para logística da guerra, incluindo a doação de um caminhão Scania em 1973 para a FRELIMO, em Moçambique. Depois das independências, junto com outras organizações canadenses, o TCLSAC seguiu organizando eventos e implementando projetos que incluíram desde a recepção de políticos e artistas moçambicanos em Toronto até mesmo ao envio de cidadãos canadenses que se alinhassem voluntariamente às políticas de construção de novos padrões societários no Moçambique pós-colonial. Após a independência da Namíbia, em 1990, e depois do final do regime do Apartheid na África do Sul, em 1994, o comitê canadense vai paulatinamente perdendo vigor até encerrar suas atividades em 2000.

Importa referir que a documentação primária que dá suporte a este texto é originária do acervo do Toronto Committee for the Liberation of Southern Africa que está disponível no Harriet Tubman Institute for Africa and its Diaspora sediado na York University, em Toronto, Canadá<sup>1</sup>. A documentação primária do acervo contém uma gama variada de documentos, indo desde relatórios de prestação de contas e projetos de ação, contemplando até mesmo bilhetes, anotações pessoais, folders, prospectos e fotos. Deste rol destacam-se duas publicações seriadas organizadas pelo TCLPAC/TCLSAC: o TCLSAC Report (com edição entre 1977-1984) e a Southern Africa Report (com edição de 1985-1995), além de livros e matérias publicadas nos jornais canadenses. O presente artigo é

---

<sup>1</sup> A referida pesquisa contou com Bolsa de Professor Visitante no Exterior concedida pelo projeto CAPES-PRINT e pela PUCRS. Durante o período de 6 meses como Visiting Professor foi possível fazer a digitalização de mais de cinco mil documentos, bem como incorporar à pesquisa fontes bibliográficas inacessível desde o Brasil. Agradeço a receptividade acadêmica e o inestimável auxílio recebido pelo professor José C. Curto (York University), a ajuda com a pesquisa empírica recebida de Arshad Desai (estudante da graduação da York University), bem como a amabilidade e os muitos esclarecimentos dados por Frank Luce (ele mesmo um antigo membro do TCLSAC).

Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)  
*Marçal de Menezes Paredes*

o primeiro produto oriundo desta pesquisa e irá se concentrar apenas nos primeiros três anos de fundação do comitê, focando-se, portanto, exclusivamente ao período histórico do TCLPAC. Como suporte serão utilizadas a documentação do próprio acervo, bem como os livros e depoimentos escritos por um de seus founding-fathers, John S. Saul<sup>2</sup>.

O texto a seguir está estruturado para *i)* brevemente apresentar os pontos balizadores de uma compreensão do contexto histórico e político canadense no cenário de criação do comitê; *ii)* apresentar a trajetória de um de seus membros-fundadores chamando atenção para a dinâmica transnacional de suas experiências particularmente na Tanzânia e nas zonas libertadas pela FRELIMO no âmbito da luta anticolonial e *iii)* tudo somado e confluindo na fundação do comitê na cidade de Toronto em 1972. Trata-se, assim de defender e assinalar a existência de uma network política global onde se inseriu o TCLPAC e através da qual o comitê seguiu trabalhando em diversas frentes, mas sempre no sentido da articulação transnacional dos militantes do Canadá com o contexto da África Austral antes e depois das independências de Angola e Moçambique.

## O Canadá no início dos anos 1970 e a fundação do Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies (TCLPAC)

A fundação do TCLPAC em Toronto em 1972 deve ser entendida no contexto das complexidades existentes na política, na cultura e na economia do Canadá<sup>3</sup>. A este respeito, ressalte-se que posteriormente à Segunda Guerra Mundial, a política externa canadense assumiu contornos relevantes no cenário

<sup>2</sup> John S. Saul é Professor Emérito em Ciência Política na York University, Toronto, fellow da Royal Society of Canadá. Autor de vários livros, recebeu o Lifetime Achievement Award da Canadian Association of African Studies em 2011. Fez muitas contribuições ao Socialist Register, tendo também lecionado na Tanzânia, em Moçambique e na África do Sul.

<sup>3</sup> A história do Canadá tem características bastante singulares no contexto dos países americanos e que merecem acurada análise e exposição (objetivos que fogem muito ao escopo deste texto). Vale lembrar sua formação como sociedade a partir da existência de diferentes comunidades indígenas e do tensionamento colonialista representado, por um lado, por uma forte imigração anglo-saxônica no contexto do colonialismo britânico, assim como com o colonialismo francês representado pela província do Québec. O tensionamento destes distintos poderes e diferentes culturas (nativas, anglófonas e francófonas) configurariam a existência de um novo país a partir de, pelo menos, três momentos: o "Act of Union" (em 1841), a constituição do "Dominion" do Canadá (1867), a autonomia nos acordos de Westminster (em 1931) (WAITE, 2019).

internacional, participando da fundação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN ou NATO em inglês) em 1952. Neste contexto, particularmente posterior à independência da Índia e durante a Guerra da Coréia, a posição do Canadá o colocava ao lado dos EUA, da aliança dos países capitalistas – mas também com vínculos com as grandes potências coloniais, como a França (imersa na Guerra da Indochina) e, obviamente, com a Grã-Bretanha. Com esta última, lembre-se que o Canadá fazia (e ainda faz) parte da Commonwealth britânica. Este elemento deve ser sempre lembrado no contexto dos anos 1950 em diante. Afinal, será também no âmbito da Commonwealth que as empresas multinacionais com sede no Canadá terão negócios ramificados inclusive em outros “White Dominions”, como a África do Sul e a Rodésia. Por outro lado, a partir da ação de Lester Person<sup>4</sup> – na organização da força de emergência da ONU na crise de Canal de Suez de 1956 – que lhe rendeu Prêmio Nobel da Paz em 1957 – bem como quando, já como Primeiro Ministro do Canadá, ele negou o envio de tropas canadenses para a Guerra do Vietnã, a política canadense passou a receber a aura de ser um “peacemaker”. Essas duas frentes políticas, por assim dizer, a aliança com os interesses hegemônicos da economia do chamado Norte Global e a promoção da paz e de valores progressistas, estarão em grande evidência durante o governo de Pierre Elliott Trudeau (1968-1979; 1980-1984). Provavelmente o mais importante (e o mais controverso) líder da história política canadense, todos os movimentos políticos de P. E. Trudeau motivaram intenso debate na sociedade civil canadense. A complexidade deste cenário pode ser rapidamente vislumbrada, por exemplo, quando, por um lado, seu governo manteve acordos econômicos com a África do Sul do Apartheid e, por outro, se alistou às condenações da ONU ao Apartheid, particularmente depois do Massacre de Soweto em 1976. O TCLPAC/TCLSAC será um ativo importante na crítica desta discrepância entre palavras e ações oficiais do Canadá – entre “Words & Deeds”, como é simbolizado pela publicação do TCLPAC em livro homônimo editado em 1976.

---

<sup>4</sup> Lester Pearson (1897-1972). Acadêmico, diplomata e político canadense. Foi Primeiro-Ministro do Canadá entre 1963 e 1968, quando foi líder do Liberal Party do Canadá. Foi sucedido por Pierre Elliott Trudeau. Durante a crise de Suez teve ação destacada na ONU durante a resolução do conflito, o que lhe rendeu o Prêmio Nobel da Paz. Junto com o sueco Dag Hammarskjöld, secretário-geral da ONU, é considerado um dos pais do moderno conceito de “peacekeeper”.

Trata-se de perceber que aqueles tempos manifestavam múltiplos paradoxos no Canadá. Por um lado, eram tempos da “Trudeaumania” (WRIGHT, 2016), onde o Primeiro Ministro tinha grande popularidade. Desde como Ministro da Justiça, ainda em 1967, defendia políticas francamente progressistas, por exemplo, quando disse para os repórteres da Canadian Broadcast Corporation (CBC) que “there’s no place for the State in the bedrooms of the nation”. No mesmo sentido podem ser lembradas as dificuldades existentes no relacionamento entre Trudeau e Richard Nixon, Presidente dos EUA, durante a Guerra do Vietnam (onde nega o envio de tropas e acolhe desertores americanos), bem como a tentativa da política externa canadense furar o jogo estruturado da Guerra Fria (GRANASTEIN & BOTHWELL, 1990), diminuindo a dependência da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Por outro lado, algumas de suas posições motivam forte conflitualidade interna, principalmente no caso do movimento separatista da província do Quebec, uma pauta incandescente desde a Quiet Revolution/Révolution Tranquille (1967-70) com o protagonismo de Jean Lesage e René Levesque. Em sintonia com essa zona de turbulência andaram questões atreladas à “francization” nos campos da educação e mesmo da questão energética (DUROCHER, 2015). Neste cenário de força, Trudeau apoia o projeto de um país bilingue e aprofunda o federalismo canadense (com o Québec inserido, mesmo que fosse, ele próprio, natural daquela província). Como logo se verá, a ação política do TCLPAC fará inúmeras conexões deste cenário atribulado no Canadá com a campanha pelo final do colonialismo português na África.

### A trajetória transnacional de John S. Saul: Canadá, Inglaterra, Tanzânia e Moçambique

Em 1972 é fundado o Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies, tendo como primeira sede o salão adjacente às dependências da St. Paul's Church, localizada na 121 Avenue Road, cidade de Toronto, Canadá. A criação do referido comitê é um processo político que aglutina diferentes horizontes de militância e distintas experiências políticas e profissionais. Diante às variadas contribuições presentes no complexo de fundação da ONG canadense, podem ser destacados três eixos formadores: o eixo Acadêmico, o



eixo relativo à Igreja, e o eixo das Organizações Internacionais. Vale realçar que estes eixos se interpenetram, combinando-se em distintas atividades e frentes de ação. À título de exemplaridade, neste *paper* dar-se-á ênfase ao eixo político-acadêmico, representado por John S. Saul. Através da análise da trajetória acadêmica deste intelectual canadense se evidencia a escala transnacional do debate político canadense e de sua conexão com o cenário das lutas de libertação contra o colonialismo português na África. Embora a relação do Canadá com os países africanos de expressão oficial em português possa parecer, à primeira vista, estranha, ela se justifica em vários âmbitos, dos quais se destaca a presença de missionários canadenses nos territórios coloniais portugueses desde o final do século XIX. Deste ponto pode ser explicado o fato de que a primeira sede do TCLSAC ter sido uma sala cedida pela St. Paul's Church, onde o Reverendo Murray McInnes, depois de ter trabalhado dez anos em Angola, acolhe e ajuda a fundar o comité junto com Jonathan e Nancy Barker, Judith Marshall, Kae Elgie, Joe e Mary Vise, Kim Jarvi, Doug Sider e outros. Todos estes membros merecem atenção especial – e serão motivo de futuros trabalhos<sup>5</sup>. Neste artigo, irei dar destaque à trajetória de John S. Saul por considera-la emblemática e por representar o cenário transnacional das atenções do TCLPAC/TCLSAC.

Não há qualquer dúvida sobre o protagonismo de John S. Saul na criação do Toronto Committee for the Liberation of Portugal's Colonies. Através de sua trajetória acadêmica e de suas conexões políticas facilmente se percebem os pontos de contato de uma *networking* transnacional que articula diversos países – Canadá, EUA, Inglaterra, Tanzânia e Moçambique, por exemplo – com uma agenda de militância global particularmente focada na luta contra o colonialismo português.

Oriundo de uma família com ascendência irlandesa – cuja imigração para o Canadá deriva da “Grande Fome” de 1840-50 –, John S. Saul tem sua primeira formação acadêmica em Toronto, mas concede aos estudos em Princeton (com

---

<sup>5</sup> Planejo para breve a publicação de dois trabalhos nesse sentido: um para explorar a relação da United Church of Canadá e a relação do Reverendo Murray McInnes em Angola e no TCLSAC; e outro para abordar a trajetória e o papel de Judith Marshall no comité e em Moçambique durante o governo de Samora Machel.

Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)  
*Marçal de Menezes Paredes*

Harper H. Wilson) e em Londres (com Ralph Miliband) o fato de ter se tornado paulatinamente um “revolucionário”. Foi através destas conexões acadêmicas progressistas – que se passam no cenário da Crise dos Misseis de Cuba e do incremento da Guerra do Vietnã – que Saul teve abertas as relações com a Tanzânia. Tendo inicialmente planejado uma estadia de seis meses, a partir de 1965, John e sua esposa Pat Saul acabam por passar sete anos em Dar es Salaam. Importa referir que a Tanzânia recém havia sido formada depois da fusão do Tanganika com Zânzibar, em 1964, sob a liderança forte e carismática de Julius Nyerere. Saul leciona como professor da Universidade de Dar es Salaam durante o momento-ícone do projeto nyereriano – a Declaração de Arusha de 1967 – e da construção do chamado “socialismo africano” (que se distancia do padrão soviético, mobilizando influência do maoísmo chinês numa releitura de tradições africanas de comunalidade). Logo a Universidade de Dar es Salaam passa por profundas modificações: troca de nome, para University of East Africa, e passa por profundos debates em torno da formação e do currículo necessários para formação de um novo cidadão com valores do socialismo tanzaniano. Junto com outros importantes intelectuais estrangeiros que lá estavam – o chamado “grupo dos nove”, onde se encontravam nomes como Giovanni Arrighi e Walter Rodney, por exemplo<sup>6</sup> – Saul embrenha-se na rede de contatos que Dar es Salaam propiciava na época.

Como “hub de descolonização” (BURTON, 2019), Dar es Salaam acolhia os escritórios da FRELIMO, que havia sido fundada em 1962, sob a liderança de Mondlane, e que tinha iniciado a luta armada contra o colonialismo português em 1964 (na região de Cabo Delgado, que faz fronteira a norte com a Tanzânia). Desde Dar es Salaam, portanto, Saul é um observador tanto dos progressos militares conseguidos quanto dos dilemas políticos acontecidos na Frelimo, particularmente depois da morte em 1969, por atentado a bomba, de Eduardo

---

<sup>6</sup> Walter Rodney foi um historiador, político e ativista nascido na Guiana. É muito conhecido pela sua obra *How Europe Underdeveloped Africa* (1972) e por sua importância como intelectual panafricanista, bem como por suas relações com o movimento Black Power dos Estados Unidos. Foi assassinado em 1980 durante um atentado, logo após retornado das celebrações pela independência do Zimbábue. . Giovanni Arrighi, economista italiano conhecido por suas análises sobre a desigualdade, periferia e semi-periferia no capitalismo como sistema global. Lecionou no Zimbábue e na Tanzania no início de sua proeminente carreira acadêmica costumeiramente associado ao movimento da New Left.

Mondlane. Em 1972, John S. Saul recebe um convite especial vindo de Samora Machel (já Presidente da Frelimo) e de Jorge Rebelo (com quem trabalhara na edição da *Mozambique Revolution*, revista da Frelimo em língua inglesa) para fazer parte de uma comitiva de intelectuais e jornalistas para conhecer as chamadas “zonas libertadas” na província de Tete, em Moçambique. Esta experiência ocorrida entre os meses de Agosto e Setembro de 1972 representa um momento paradigmático para ele: segundo sua interpretação, conhecer a dedicação de jovens militares da Frelimo, perceber as complexidades do suprimento da guerra, reparar na relação entre militares e as populações libertadas, etc., deram uma nova dimensão sobre a transformação da teoria política e a concretização prática. Esse fenômeno pode ser simbolizado pela frase de Sebastião Mabote, o chefe militar de operações da Frelimo com quem viajou pelas áreas libertadas e que Saul cita no seu livro *Revolutionary Traveler*: “the atomic bomb in this war is the people’s consciousness” (SAUL, 2009: 75). Após regressar dessa viagem simbólica, e antes de pegar o avião de volta ao Canadá, Saul recebe uma visita de Samora Machel que simboliza um outro momento emblemático de conexão:

The echo of the words of Frelimo’s President, Samora Machel, in my back garden immediately upon my return from Tete and on the eve of my departure with my family to come back to Toronto still rang in my ears: ‘The knowledge of our country’s struggle is, in your country, still this much’ (and he held his thumb and forefinger positioned merely a millimeter apart). ‘You must go and help us to do something about that’. It was not ‘an order’ exactly but it was very difficult to ignore – and, in any case, it fit well with my own evolving thoughts on the matter (SAUL, 2009: 24)

O cenário cosmopolita e efervescente da Tanzânia dos tempos de Nyerere, da construção do “socialismo africano” (*Ujamaa*), bem como o relacionamento com intelectuais de esquerda radical que ajudavam a construir, em Dar es Salaam, o projeto político de Nyerere abrem conexões diretas com a luta anticolonial da Frelimo. A experiência nas zonas libertadas funcionou como uma amostra – e um exemplo paradigmático – do que deveria ser implementado para a construção de um mundo alternativo aos males advindos dos elos entre o colonialismo, o racismo e o capitalismo. O cenário africano de construção do socialismo oferecia uma oportunidade sedutora para a implementação de um

socialismo sem os “desvios” centralistas do modelo soviético. A agricultura comunal e a produção coletiva vista na região de Tete – mais até que na Ujamaa – foram confirmadas pelo carisma e pela convicção emanados por Samora Machel. Voltar para Toronto, educar os canadenses e promover “solidarity with those engaged in struggle against a common global adversary: capitalist-driven imperialism” (SAUL, 2009: 10).

Trata-se, aqui, de perceber a estruturação de um padrão de apoio robusto ao que será, poucos anos depois, o governo de Samora Machel no âmbito da República Popular de Moçambique. Este apoio fica manifesto nas diversas ações engendradas pelos militantes do comitê em apoio às políticas da República Popular de Moçambique. John S. Saul, por exemplo, irá lecionar em Maputo. Judith Marshall trabalhará durante oito anos em projetos de literacia popular no âmbito no Ministério da Educação gerido por Graça Machel. Estas ações serão objeto de futuros trabalhos e não se enquadram diretamente nos objetivos deste artigo.

## De volta a Toronto: a fundação do TCLPAC

Articular a denúncia contra as desigualdades e as violências do capitalismo no Canadá com a luta pela independência das colônias portuguesas na África não era uma tarefa fácil. Desde o início, o TCLPAC mobilizou parcerias com outras ONG canadenses. Dentre muitas, destaca-se a CUSO ou Canadian University Service Overseas, criada em 1961 com objetivo de fomentar projetos de solidariedade internacional desenvolvendo projetos em países do Terceiro Mundo. Também foram aglutinados esforços advindos da Oxford Committee for Famine Relief (OXFAM)-Canadá, bem como de estudantes e professores de Estudos Africanos que juntaram esforços dentro do que se poderia chamar de “broader left movement in Canada”. Neste escopo, e de acordo com a edição de 1982 do *TCLSAC Report* em um texto em revisão dos dez anos do TCLPAC/TCLSAC afirma que “our focus was to mobilize support for the liberation struggle in the Portuguese African colonies and to make connection between those struggles and the long term task of mobilising for radical transformation in Canada” (TCLSAC, 1982).

Diante deste desiderato maior, é significativo avaliar quais ações foram implementadas pelo comitê canadense. Das muitas dinâmicas implementadas, destaco: *i)* as campanhas contra a relação entre as corporações multinacionais canadenses que mantinham negócios com o colonialismo português; *ii)* as ações em prol da educação política e cultural com escala transnacional e *iii)* a relação direta com os movimentos anticoloniais, seja pelo envio de ajudas materiais seja pela acolhida política de seus líderes em território canadense. Importa ainda referir que estes âmbitos foram também levados adiante por outros comitês de apoio internacional seja à luta anticolonial em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, seja no contexto dos governos recém-proclamados após as independências. Nos Estados Unidos, por exemplo, deve ser mencionado o papel do American Committee on Africa (HOUSER, 1989; COLLINS, 2020); no Contexto Britânico ressalta-se a existência do CFMAG (PARROT, 2016); na Suécia importa mencionar as atividades do Swedish South Africa Committee/Svenska Sydafrikakommittén (SSAC/SSAK) (SELLSTRÖM, 2002); na França, por exemplo, a existência do *Comité de Soutien à l'Angola et aux Peuples des Colonies Portugaises*) e o National Support Committee for the Liberation Struggle in the Portuguese Colonies (*Comité National de Soutien de la Lutte de Libération dans les Colonies Portugaises*) (BARROS, 2020).

Desde seus primeiros momentos, o TCLPAC organizou uma forte e arguta campanha contra os negócios existentes entre a Gulf Oil e o colonialismo português – em derivação do movimento criados nos EUA (PARROT, 2018). Criada no Texas em 1901, a Gulf Oil tem uma longa história de integrações e fusões com diversas companhias de exploração de petróleo. A empresa começou a operar no Canadá desde 1942, sendo posteriormente fusionada com a British American Oil Company em 1956. De acordo com cálculos feitos pelo TCLPAC, a Gulf Oil provisionava em torno de 50 milhões de dólares ao colonialismo português através do pagamento de taxas, financiando, com isso, o exército colonial para que lutasse contra os movimentos de libertação. Por ano, ao menos um terço de mais de seis milhões de toneladas de *crude oil* provenientes de Cabinda (norte de Angola) era refinado pela Gulf Oil Canada em Tupper, Nova Scotia.

Para fazer frente a este quadro, os membros do TCLPAC adquiriram ações da Gulf Oil e, com elas, acabaram por ter direito à estar presentes na reunião anual do empresa em 1973. Assim, conseguiram informações estratégicas importantes, o que fez acelerar a campanha contra a relação entre as corporações canadenses e o colonialismo português. Refira-se que, no cenário dos EUA, o American Committee on Africa pressionava no mesmo sentido (COLLINS, 2020). No bojo das denúncias que foram aparecendo, veio à tona o fato de que a legislação antipoluentes e o lobby dos movimentos ecológicos acabaram por tornar impossível o refino do petróleo angolano nos Estados Unidos. Diante disso, o governo canadense prontificou-se a construir infraestruturas para que o refino se fizesse nas ilhas marítimas do Canadá, onde se localiza a região da Nova Scotia. Através das páginas da revista *New Magazine*, entre 1974 e 1975, o TCLPAC reverberou as denúncias, incrementando uma crítica radical ao financiamento dos regimes coloniais de supremacia branca na África com o sistema de interesses corporativos canadenses – que continha gigantes empresariais como a Falconbridge, a Alcan, a Massey Ferguson e a própria Gulf Oil (TCLPAC, 1974).

Em 1974, 25 membros do TCLPAC compareceram na Reunião Geral dos Acionistas da Gulf Oil acontecida no Royal York Hotel em Toronto. Nesta reunião, estiveram também membros da OXFAM, da Igreja Anglicana e da United Church of Canadá, além de Saydi Mingas, membro do MPLA. Neste evento salienta-se que a existência da rede de contatos onde se colocava o TCLPAC se manifestava, efetivamente, numa perspectiva política global. Afinal, além do fato de que o objetivo deste *meeting* ser um posicionamento *contra* os interesses diretamente ligados entre o colonialismo português e o capitalismo internacional representado pelas corporações canadenses, essa manifestação incorporou além da esquerda canadense um militante do MPLA de Angola. E, aliás, foi mesmo esse o enfoque de Saydi Mingas ao se dirigir eloquentemente sobre a opressão colonial sofrida em Angola. Ou seja, o colonialismo não estava *lá fora* do Canadá, estava ali, representado pelas empresas canadenses.

No mesmo contexto, o comitê teve, não por acaso, a infiltração de um espião em seus quadros. De acordo com informações constantes no *TCLPAC*

*Report*, o espião era um membro que portava o codinome de Brian Gallagher e que estava “always too little to help”. Logo depois da descoberta do espião, um *flyer* com informações do mesmo foi elaborado e distribuído amplamente para os grupos da esquerda canadense (TCLSAC, 1982).

Outra frente de ação emblemática mobilizada pelo comitê foi o projeto ‘Cinema de Solidariedade’. Tratava-se de uma iniciativa para alcançar um público diverso, além da militância engajada, e que consistia na exibição de uma série de filmes com conteúdo engajado nas temáticas do feminismo, do sindicalismo, de assuntos relacionados à América Latina, Ásia e, claro, África. Os filmes eram exibidos de 8 a 10 semanas ao ano, tendo uma plateia entre 400 e 500 pessoas a cada sábado à noite. Durante esse projeto, o comitê conseguia arrecadar fundos e doações que permitiriam a manutenção das atividades, bem como caucionaram o envio de materiais diretamente para os movimentos de libertação na Guiné-Bissau (PAIGC), em Angola (MPLA) e Moçambique (FRELIMO). Esses eventos propiciavam uma ampla conexão de assuntos, relacionando assuntos próprios do contexto canadense com as lutas de libertação e a campanha anti-apartheid.

It was epoch wich seemed to foster linkages amongst the issues of the left from the Artistic Woodworkers strike to native people protests against Hudson Bay, and permitted TCLPAC to maintain a connection between Southern African struggles and progressive forces at home (TCLSAC, 1982)

Outro paralelo interessante levado a cabo pela militância persuasiva dos materiais mobilizados pelo TCLPAC em seus eventos foi a temática relativa ao separatismo da província do Québec – uma questão, como exposto anteriormente, que era motivo de grande tensionamento social e que produziu enormes críticas aos procedimentos do governo de Pierre Elliott Trudeau. No mesmo contexto do ‘Cinema de Solidariedade’ circulavam cartazes com o seguinte lema: *Québec-Angola: zones a liberer*. Consoante o entendimento daquele contexto, a província francófona do Québec era duplamente colonizada, primeiro pelo Canadá anglófono e, depois, pelo capitalismo internacional (SAUL, 209: 95).

A força e a efetividade do movimento despertaram a ira de setores claramente radicais da extrema-direita canadense daquele momento. Durante um evento organizado para angariar fundos para a compra de um caminhão para ser enviado para Moçambique, membros do grupo supremacista branco chamado 'Guarda Ocidental' (Western Guard) irromperam e atacaram violentamente gritando "White Power! This Meeting is Over!". Uma mesa foi jogada contra uma vidraça, mesas foram quebradas, blocos de notas e documentos foram vandalizados e pessoas ficaram feridas. Importante ressaltar que a reunião contava com a presença de Shafrudine Khan, representante da FRELIMO na América do Norte e que mesmo depois do ataque, o encontro continuou, não sem antes que Khan dissesse que, enquanto membro da FRELIMO, estava muito acostumado com este tipo de coisas (SAUL, 2009: 25).

A criticidade do comitê para como a "hipocrisia" do Canadá oficial – que dizia ser a favor do fim do colonialismo portuguesa na OTAN, mas que seguia fazendo seu "business as usual" com o governo colonialista de Portugal – chamou a atenção não apenas da militância da esquerda canadense, mas também da imprensa de Toronto. Com dificuldades e sofrendo percalços com supremacistas brancos ou mesmo com a polícia em passeatas, é fato que a mensagem do TCLPAC ganhou relevo e alcançou larga audiência. Os artigos publicados na revista *This Magazine*, no *Canadian Forum* ou no *Monthly Review* ganhavam cada vez mais repercussão interna. No mesmo período, John S. Saul não deixava de manter viva e atual a conexão com a luta pela independência, levando o mesmo enquadramento crítico ao "Canada oficial" em apresentações feitas em congressos acadêmicos internacionais – como, por exemplo, no Annual Social Science Conference of the East African University, realizado em Dezembro de 1973, em Dar es Salaam, na Tanzânia. De uma forma ou de outra, a denúncia ao governo canadense estar em "both sides of the street" ganhava repercussão, realmente, transnacional.

The Canadian government *voiced* criticism! But this is not the main point to be made in the essays collected here. Instead, they seek to underscore the fact that 'official Canada' (corporate and governmental) *acted* in a manner entirely opposite to that suggested rhetoric. Far from backing the African people struggling for freedom, official Canada actually *supported the Portuguese* in



their futile colonial wars. Indeed, it is precisely in the juxtaposition of Canada's words and Canada's deed that once can trace the essential pattern of Canada's policy towards 'Portuguese Africa' (SAUL, 1976: 2 WORDS & DEEDS).

Tal como mostrado antes, a conexão entre a agenda política global da esquerda e a FRELIMO foi precisamente o que despertou a própria criação do TCLPAC no Canadá, depois da experiência de John S. Saul nas áreas libertadas no norte de Moçambique. Merece destaque o fato de que essa conexão acabou por ser fortemente ampliada desde Toronto. O caso da entrevista de Marcelino dos Santos, na época vice-presidente da FRELIMO, para a CBC, o canal público federal de comunicação, realizada em 1973 ilustra muito bem isso. Ao ser questionado pelo repórter da CBC-Radio, afirmou:

Really, Canada has made many statements but... I must say frankly that, knowing and having heard what Canada had said several times... but knowing that Canada is doing nothing real to help the liberation movements, one should at least ask: is... the Government of Canada sincere? We don't believe it is, and we hope that Canada will try to show us that it is really sincere. [As he continued] I'm forced to think that Canada continues to think it preferable to have relations with colonialist and fascist regimes than with people who are fighting for their freedom and their dignity (SAUL, 2017: 100)

Importa dizer que essa entrevista foi transmitida pelo rádio em 1973, tendo sido posteriormente transcrita no livro de John S. Saul publicado pelo TCLPAC em 1974 com o título *Canadá and Mozambique*. A mesma entrevista foi depois republicada em outras duas publicações suas mais recentes, ambas em tom de memória histórica, apresentando dados e compilando documentos e textos do TCLPAC/TCLSAC entre os anos 1970-1990: *Revolutionary Traveler. Freeze-Frames from a life* (2009) e *On Building a Social Movement. The North American Campaign for Southern African Liberation Revisited* (2017).

As atividades de acolhimento e apoio aos movimentos de libertação de Angola e Moçambique cada vez mais foram sendo dinamizadas. Já foram aqui mencionados eventos ocorridos em Toronto sob os auspícios do TCLPAC que contaram com a presença de Shafrudine Khan e Marcelino dos Santos, ambos da FRELIMO, bem como de Saydi Mingas, do MPLA. E isso apenas entre 1972 e 1974! Outro caso, talvez mais emblemático no sentido de mostrar quão

estruturadas foram essas relações, revela também uma conexão transnacional de ampliada relevância. Não deixa de ser significativo o fato de que o líder do MPLA, Agostinho Neto, ter sabido dos acontecimentos relacionados ao golpe militar acontecido em Lisboa no dia 25 de Abril de 1974 durante uma viagem ao Canadá. O líder do MPLA estava, precisamente, no escritório do TCLPAC, localizado nas dependências da St. Paul's Church, em Toronto, onde se preparava para uma entrevista. Neto estava acompanhado de outros militantes do MPLA quando recebeu um telefonema informando do golpe em Lisboa (SAUL, 2011). Ora não deixa de ser curioso que a Revolução dos Cravos – com todas as suas complexidades e imbricações para com a independência de Angola – veio a conhecimento do futuro primeiro presidente angolano na sede de uma igreja congregacionalista dirigida pelo Reverendo Murray McInnes (um fundador do TCLPAC). A ser notado, também, que McInnes vivera praticamente uma década no Planalto Central de Angola (zona, aliás, mais afeita à UNITA) como missionário da United Church of Canada (LUCÉ, 2013). Além das trajetórias individuais altamente ricas de experiências, esse evento mostra nitidamente a importância da abordagem da história global ou da história transnacional no sentido de fornecer uma perspectiva mais rica e ampla dos acontecimentos do passado.

Fruto dessa *networking ativa, ampla e dedicada* no sentido de dar visibilidade, apoio material e político, o reconhecimento da importância do TCLPAC não tardou a vir. E uma prova cabal disto foi a presença de dois membros do TCLPAC na cerimônia oficial da independência de Moçambique, acontecida no estádio da Machava, em Maputo, sob a liderança de Samora Moisés Machel, líder da FRELIMO tornando-se o primeiro Presidente da República Popular de Moçambique na madrugada do dia 24 para o dia 25 de junho de 1975. Ressalte-se que o governo canadense pretendeu fazer parte desta icônica cerimônia, mas teve sua presença recusada. Os representantes do Canadá – não do “oficial”, mas do que apoiou a luta anticolonial – foram os membros do TCLPAC, John S. Saul e John Saxby. Esta “delegação canadense” chegou a Maputo em um avião dividido com Oliver Tambo (líder do African National Congress, da África do Sul) vindo de Lusaka, Zâmbia. Foram reencontrados Janet Mondlane (viúva do ex-presidente da FRELIMO), além de outros militares que acompanharam Saul durante a viagem às áreas libertadas em 1972. Na cerimônia oficial, sentaram na

mesma fileira de Álvaro Cunhal (líder do Partido Comunista Português) e de Mário Soares (líder do Partido Socialista de Portugal e Ministro responsável pelas negociações da transição do poder). Todas essas informações foram publicadas em dois artigos escritos por Saul. O primeiro intitulado “Invitation to a Celebration” na revista *This Magazine* (edição novembro-dezembro de 1975), e outro com o título “Free Mozambique” para a revista *Monthly Review* (dezembro, 1975). Ambos foram reproduzidos nos seus livros atrás mencionados. Diante da simbologia do caso, vale a pena seguir um pouco o relato de John S. Saul:

Words fail me here – I have never been so moved. I watched as the new President next onto the balcony, and proceeded to address the huge crowd gathered in the civic square. Characteristically, his speech, one of the most important ever delivered by an African leader, now dealt not so much with what had been accomplished as with what remains to be done. For Frelimo, and for Mozambique, the struggle, as they have affirmed so often, continues (SAUL, 2009: 109)

As comemorações não se resumiram a um dia. Seguindo o relato de Saul, percebemos o detalhamento seja de eventos mais gerais, como o festival de juventude acontecido também no estádio da Machava, bem como a relevância e a conexão dos discursos de Siad Barre, na época Presidente da Somália (desde 1969). A fala teve um significado que vai além da própria efeméride. Tal como na Somália, uma agenda peculiar que visava a aceleração do desenvolvimento, a organização de fazendas comunais, uma campanha anti-tribalista e a nacionalização de empresas e corporações multinacionais viria a entrar em curso nos primeiros anos da I República de Moçambique.

But it was immediately clear from talks with Marcelino dos Santos (the Vice President who was appointed Minister of Development and Economic Planning in the first days after independence) that existing links with multinational companies and agribusiness conglomerates will be severely scrutinized, with nationalizations sure to follow. Moreover, some of the crucial keys to control already lie with the new government. The Banco Nacional Ultramarino (the Overseas National Bank) played an ubiquitous role in the private sector of the economy in both pre-coup Portugal and Mozambique. Nationalized by Lisbon in 1974, the bank now passes to FRELIMO as part of the independence settlement. And this appears to be only the beginning. There can be little doubt that a full-fledged socialist solution to the problem of Mozambique’s underdevelopment is on the agenda (SAUL, 2009: 111-112).

Levando em consideração as políticas implementadas pela I República em Moçambique, se deve apontar que a estimativa do futuro do país estava bastante correta. Ainda informa ele que teve conversas com Helder Martins, ministro da Saúde, Graça Simbine, Ministra da Educação, e Fernando Ganhão, o novo Reitor da Universidade no sentido de esclarecer a agenda para a concretização de profundas mudanças expectadas para Moçambique naquele contexto. Todas para a construção de um projeto socialista moçambicano no sentido de uma sociedade mais igualitária e rural (SAUL, 2009:112)

## Conclusão

Todos os desafios apresentados para o futuro de Moçambique no contexto pós independência demandavam a re-confirmação das alianças internacionais. Não por acaso, e reagindo positivamente a este novo cenário o Committee for the Liberation of Portugal's Colonies (TCLPAC) trocou de nome para Committee for the Liberation of Southern Africa (TCLSAC), como ficou, aliás, conhecido. Não por acaso, os membros do TCLSAC engajaram-se em diversas formas de cooperação internacional com o governo da FRELIMO. O *Project Mozambique* e a ação de Judith Marshall no desenvolvimento de projetos de literacia na região industrial de Maputo-Matola são exemplos significados disso. Marshall – também uma fundadora do TCLPAC – foi pela primeira vez a Moçambique em 1976 e lá viveu entre 1978 e 1984, trabalhando próxima à Ministra da Educação da época, Graça Machel.

Como se sabe, o contexto que se seguiu à independência de Moçambique – assim como de Angola – foi seguido de uma brutal Guerra Civil que praticamente destruiu as infra-estruturas econômicas, apresentou um contingente enorme de populações deslocadas, produziu muitas mortes e gerou fome e desestabilização social e humanitária em elevadíssima escala. A conexão das chamadas “guerras de desestabilização” ao cenário moçambicano e angolano tanto ao fim dos regimes supremacistas brancos da Rodésia/Zimbábue e do África do Sul do apartheid, quanto à independência da Namíbia, na época ainda um protetorado sul-africano. Em todas estas frentes o TCLSAC irá ser um ativo parceiro canadense, seja como cooperante internacional *in loco* seja como

Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)  
*Marçal de Menezes Paredes*

ativista em Toronto, onde produziu publicações, organizou eventos e manifestações, recebeu artistas e militantes da África Austral. Nas páginas do *TCLSAC Report* (1977-1984) e do *Southern Africa Report* (1985-2000) cobriram praticamente todos os eventos ocorridos na região, além de fornecerem uma interpretação ativa dos cenários da geopolítica da época conectando as escalas políticas global, regional e local. Como se viu, de Toronto – muito além da lusofonia – vieram apoios relevantes em prol da causa do fim do colonialismo português. Depois da independência, entretanto, a luta *continuava* – mas isso já é outra história.

## Referências

- ALMADA E SANTOS, Aurora. **A organização das Nações Unidas e a questão colonial portuguesa. 1960-1974**, Lisboa, Instituto da Defesa Nacional, 2017
- ANGLIN, D; SHAW, T. & WIDSTRAND, C. (Orgs.) **Canada Scandinavia and Southern Africa**. Upsalla: Nordiska afrikainstitutet, 1978
- BARROS, V. 'The French Anticolonial Solidarity Movement and the Liberation of Guinea-Bissau and Cape Verde', *The International History Review*, 2020, 1–22.
- BURTON, Eric. Hubs of Decolonization. African Liberation Movements and 'Eastern' Connections in Cairo, Accra, and Dar es Salaam. In: DALLYWATER, Lena; SAUDERS, Chris & FONSECA, Helder Adegar (Eds). **Southern African Liberation Movements and the Global Cold War "East"**. Berlin/Boston: Degruyter, 2019, pp. 25-56.
- COLLINS, S. D. *George Houser and the Struggle for Peace and Freedom in Two Continents*. Athens: Ohio University Press, 2020.
- DUROCHER, René. "Quiet Revolution". The Canadian Encyclopedia, 04 March 2015, Historica Canada.  
<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/quiet-revolution>. Accessed 22 October 2021.
- GRANASTEIN, J. L. & BOTHWELL, R. **Pirouette. Pierre Trudeau Foreign Policy**. Toronto: Totronto University Press, 1990.
- HELLEMA, Duco. **The Global 1970's. Radicalism, Reform and Crisis**. New York: Routledge, 2019

Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)  
*Marçal de Menezes Paredes*

HOUSER, George M. **No One Can Stop The Rain**. New York: Pilgrim Press, 1989.

LUCE, Frank. “Dangerous simplifications, suspicious elements and prolonged silence: Canadian protestants and the pide on the Benguela plateau” in: ROQUE, Ana Cristina & TORRÃO, Maria Manuel (Orgs.) **O Colonialismo português – novos rumos da historiografia dos PALOP** (Porto: HUMUS, 2013).

MARSHALL, Judith. **Literacy, Power, and Mozambique**. The Governance of Learning from Colonization to the Present. Boulder: Westview Press, 1993.

N’GANGA, João Paulo. **O pai do nacionalismo angolano. As memórias de Holden Roberto**. São Paul: Parma, 2008.

PARROT, R. J. *Struggle for Solidarity: The New Left, Portuguese African Decolonization, and the End of the Cold War Consensus*. Austin: PhD Dissertation, University of Texas at Austin, 2016.

PEARCE, Justin. **A Guerra Civil em Angola 1975-2002**. Lisboa: Tinta da China, 2017

PÉCLARD, Didier. **Les incertitudes de la nation en Angola. Aux racines sociales de la Unita**. Paris: Khartala, 2016.

PRASHAD, Vijay. **The Darker Nations: A people's history of the Third World**. New York: New Press, 2007.

SAUL, John S. **Canada & Mozambique**. Toronto: TCLPAC/DEC, 1974.

SAUL, John S. **On Building a Social Movement. The North American Campaign for Southern African Liberation Revisited**. Nova Scotia: Fernwood Publishing, 2017.

SAUL, John S. **Revolutionary Traveler. Freeze-Frames from a life**. Winipeg: Arbeiter Ring Publishing, 2009.

SAUL, John. **The Flawed Freedom. Rethinking Southern African Liberation**. London: Pluto Press, 2014.

SELLSTROM, T. *Sweden and the National Liberation in Southern Africa*. Vol.II – Solidarity and Assistance. 1970-1994. Uppsala: Nordiska Afrikanistitutet, 2002.

BLACK, D. R. **Australian, Canadian and Swedish Polices Toward to Southern Africa. A comparative study to middle Power internacionalism.**, Halifax, Nova Scotia: Dalhousie University 1991

TCLPAC, “Larceny by proxy: Gulf Oil Canada Ltda. and Angola”. *This Magazine*, January, 1974.

Para Além da Lusofonia: o *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC) do Canadá e a Luta Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975)  
*Marçal de Menezes Paredes*

TCLSAC, **Words and deeds. Canada, Portugal and Africa.** Toronto: TCLSAC, 1976

WAITE, P.B.. "Confederation". The Canadian Encyclopedia, 29 October 2019, Historica Canada.  
<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/confederation>. Accessed 22 October 2021.

WESTAD, Odd Arne. **The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times.** New York: Cambridge University Press, 2007.

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH  
Revista Tempo e Argumento  
Volume 14 - Número 35 - Ano 2022  
tempoeargumento.faed@udesc.br